

OS MERCADOS

Ultimamente, os “mercados” estão muito agitados com a reforma tributária em andamento, pois sabem que a não ser nas sombras do lobismo podem continuar ganhando como nunca. Comandados por especialistas em rentismo e usura, essa gente toca o capitalismo selvagem que vende sua eficiência e superioridade sobre as outras formas organização da sociedade de tal forma que a grande maioria da população mundial acredita que é da natureza e não da vontade humana esse formato que deixa bilhões de pessoas na mais completa miséria enquanto 1% dos mais ricos ficam com metade da riqueza planetária. Como não tenho o condão de mudar essa triste realidade, prefiro comentar sobre outro tipo de mercado. O das cidades, aqueles velhos mercadões que as prefeituras costumavam erguer para abastecer suas população antes do advento dos supermercados.

Pesquisador há cinquenta anos da história de Franca, fomos acumulando no Laboratório das Artes um conjunto de fotografias e imagens da cidade. Para torná-los acessíveis a qualquer interessado, fizemos uma parceria com a profa. Márcia da Silva do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Histórica (CEDAPH) da UNESP, criado em 1983 por iniciativa do Programa de Pós-Graduação em História do campus de Franca, que tem como missão principal fomentar a pesquisa histórica, nas suas múltiplas facetas. O projeto prevê a digitalização das fotos, identificação e sua disponibilização pela internet. Ao participar do processo, revi fotos antigas que nem lembrava mais. Uma delas chamou minha atenção. Era uma foto da antiga casa de Câmara e Cadeia, que abrigou a escola Cel. Francisco Martins, prédio já demolido onde hoje está a agência central dos Correios. A foto trazia um escrito que no canto se podia ver o telhado do mercado de Franca. Ora, inclusive em meu livro “Vila Franca d’el Rey” escrevi que o primeiro mercado público da cidade foi construído em 1921 na gestão do prefeito Torquato Caleiro defronte a antiga casa de câmara e cadeia, na Rua Ouvidor Freire, esquina com General Telles. Estava errado.

Esse projeto do tempo do Torquato era uma estrutura metálica bem bonita, mas ficou pequeno para a cidade que crescia. Em 1957, o prefeito Onofre Gosuen o demoliu pra construir o terminal rodoviário da cidade, projeto do arquiteto Luiz do Couto Rosa, enquanto no restante do terreno erguia o novo mercado, inaugurado em 1958. Foi esse o mercado da minha infância e adolescência, com seus cheiros e cores, da casa dos queijos do pai da minha amiga Tânia Figueiredo, do bar do “sêo” Ricieri Dominici, das pinturas em afresco do artista Bassano Vaccarini. Infelizmente, tudo terminou em 1984, quando Sidnei Rocha, o nosso “Pereira Passos” do bota-abaixo, escolhido por alguns puxa-sacos da imprensa como um grande gestor, o colocou no chão para fazer de um terreno público estacionamento para carros particulares.

Mas volto à foto antiga. Fui olhar as fotos e o que encontro? Uma foto de 1913 do primeiro mercado municipal. Sim, aquele pedaço de telhado era verdadeiro, houve um pequeno mercado anterior ao da estrutura metálica, no mesmo lugar, provavelmente erguido no início do século XX, durou pouco. Uma pequena construção com telhado em duas águas, alguns boxes, cochos para animais.

Tal constatação me animou ainda mais em relação ao acerto de nossa decisão de doar as fotos para o CEDAPH, podem gerar novas pesquisas urbanas sobre a cidade e novas descobertas. Só por isso já tera valido a pena.

Mauro Ferreira é arquiteto